



SUL E NORDESTE: DISCUSSÕES SOBRE O LIMIAR DO PRECONCEITO CONTRA ORIGEM GEOGRÁFICA E DE LUGAR

Populações, migrações e desenvolvimento

RESUMO

A migração recente de nordestinos para o Sul tem motivado reações adversas, incluindo discursos conservadores que reforçam certas visões preconceituosas do Nordeste e dos nordestinos e estimulam o discurso de ódio que se manifesta principalmente no ciberespaço. O objetivo do artigo é entender como a identidade regional contribui para a elaboração do preconceito contra a origem geográfica e de lugar e como ela se manifesta como discurso de ódio no ciberespaço. A partir da análise de conjuntura e da pesquisa bibliográfica, esse trabalho visa entender como a identidade regional acaba por contribuir para reproduzir tais discursos de preconceito de origem geográfica e de lugar. Com isso, as relações de trabalho e de classe estão diretamente conectadas com os discursos preconceituosos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do artigo é a pesquisa bibliográfica, com a discussão e articulação dos conceitos (identidade e preconceito contra origem geográfica e de lugar), com a análise de conjuntura (SOUZA, 1984). Na análise de conjuntura cinco pontos principais podem ser destacados: i) acontecimentos; ii) cenários; iii) atores; iv) relações de força; v) relação entre estrutura e conjuntura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A identidade é construída por várias áreas do conhecimento, dentre elas a história, a sociologia, a geografia, a antropologia. Ela se constrói a partir da memória, da religiosidade, nas pelos grupos sociais e pelas sociedades (Castells, 2000). Assim como, a identidade vem da luta de classes, onde a identificação trás o sentimento de pertencimento e nomeia uma forma de conquistar espaço (Holloway, 2003).

A identidade vai além de algo individual, ela também permeia a nossa noção de pertencimento a um local, a um território. Com ela, temos esse sentimento de pertencimento a uma nação e uma construção cultural do que somos. Essa construção de identidade nacional se inicia no período pós-identidade, com forte presença da cultura e da aristocracia portuguesa, sendo a principal influência do futuro do ideal dos detentores do poder



da sociedade brasileira como europeus. principalmente dentro de uma gênese europeia com o requinte da aristocracia portuguesa (Albuquerque Jr, 2012). Essa influência é refletida na literatura da época, colocando os movimentos do Romantismo e do Modernismo como principais vozes de uma identidade brasileira.

Quando falamos de identidade regional, falamos em uma reação que resulta em uma homogeneização cultural, que se torna uma forma de ressaltar as diferenças culturais entre as regiões (Oliven, 2000). Com isso, é possível construir uma reflexão para o preconceito contra a origem geográfica e de lugar. Iniciando de como o Sul e o Nordeste se construíram como região.

A delimitação do Nordeste, como região remonta pela década de 1920, onde surge na delimitação do espaço a partir do mapa da seca, onde o termo “Nordeste” surge a partir da região de estiagem da parte Norte do país a partir da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919. Porém, a sua história remonta aos primeiros portugueses a atracarem no litoral da Bahia, das histórias da escravidão, revoltas, terra de grandes intelectuais, artistas, políticos, escritores antes mesmo do Nordeste ser o que entendemos por ele hoje.

A concepção sulista vem de uma perspectiva do ser europeu e não de ser brasileiro. Isso se dá a partir da continuidade das tradições das etnias dos emigrantes europeus a partir da perpetuação da língua e dos centros culturais. Dentro do universo simbólico, esse ethos do camponês e trabalhador era ligado a figura do imigrante, enquanto a preguiça e indolência era atribuído ao brasileiro (ou caboclo). No plano ideal, a representação do europeu e seus descendentes e até mesmo a própria colonização é visto como um processo de civilização instaurado na selva pecaminosa brasileira, onde o brasileiro é visto no papel do bárbaro. Assim, a identidade do Sul começou a ser ligada a imigração branca e europeia, contrapondo o Norte, com a temida miscigenação, carregando, dessa forma, as tradições de um Brasil colônia (Seyfeth, 2000).

Diante do que vimos na criação das identidades regionais, é claro que ambas as regionalidades abordadas, a Nordestina e a Sulista, assim como a ideia de identidade nacional, são constituídas por uma estrutura de classes. A identidade nacional é abordada na ideia de cultura unificada europeia, excluindo a singularidade apresentada pelos regionalismos e de etnias não-europeias. Enquanto o Nordeste se agarra a uma memória



distante de um passado de cangaceiros, beatos e latifundiários, esquecendo do fato que a região nasceu de um mapeamento da seca, de mais de 300 anos de exploração de suas terras e de sua gente, constituindo uma “não classe trabalhadora”. E o Sul segue com a ideia do mito do colono pioneiro, que remete dá a imagem do pioneiro e obediente, apagando uma estrutura de uma ideia racial de embranquecimento e de auto exploração obediente, sem questionamentos. Ao ter essa base, podemos ver uma possível compreensão sobre como se originou os discursos de ódio contra populações do Nordeste no Vale do Itajaí.

RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA

Com as questões climáticas, conflitos políticos, econômicos, sociais e de violência são cada vez mais frequentes para o movimento migratório. Essas migrações acabam por resultar em conflitos nos locais onde são recebidos, incluindo discursos de ódio e preconceito contra a sua origem geográfica. Quando essa movimentação é interna, as construções da identidade regional e da sua relação com o trabalho acabam por colidirem e se deparando om discursos de ódio, ameaças, dificuldades de inserção social e de trabalho onde esse imigrante se encontra.

REFÊRENCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. 376 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: as fronteiras da discórdia**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. 136 p.

FROTSCHER, Méri. **Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)**. Blumenau: Edifurb, 2007. 240p.

HOLLOWAY, John. **Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder**. 1. Ed. Cap.8. Editora Viramundo. São Paulo: 2003, p 207-227.

OLIVEIRA, Francisco de. **O elo perdido: classe trabalhadora e identidade na Bahia**. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 115 p.



OLIVEN, Ruben George. **Nação e região na identidade brasileira.** In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org). Região e nação na América Latina. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 242. p

RENK, Arlene. **Etnicidade e itinerários de grupos étnicos no Sul do Brasil.** Grifos, Chapecó, v. 6, n. 1, p. 93-107, 1999.

SEYFETH, Giralda. **Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil.** In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org). Região e nação na América Latina. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 242. p

SOUZA, Hebert José de. **Como se Faz Análise de Conjuntura.** 5.ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1984. 54 p.